

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Discurso de posse de Guido Palomba na Academia de Medicina de São Paulo

Quis a fidalguia do professor Irany Novah Moraes que recaísse sobre a nossa pessoa a missão de falar em nome dos novos acadêmicos titulares.

Ao adentrarmos os umbrais da Academia de Medicina de São Paulo, pináculo altíssimo da Medicina pátria, permitam-nos agradecer o acolhimento que tanto nos honorifica. Pelo voto bondoso e sanção favorável dos dignos confrades, aqui ocuparemos um lugar. Vimos, com os vossos assentimentos, trazer o amor e o tributo às tradições e enfatizar as nossas devoções à arte de Esculápio.

Ao contrário do que se costuma afirmar, nenhuma classe é tão unida e tem tanto senso de solidariedade quanto a médica. Nenhuma festeja tanto os seus semelhantes, nenhuma congrega-se tantas vezes em torno de temas que dizem respeito à grei. Aos médicos a profissão é tão essencial e absorvente que quase não podemos nos dedicar a outros misteres fora do âmbito do ofício. Entre colegas é que encontramos os maiores amigos; entre colegas, muitos até encontraram as suas carasmetades.

Como um dos mais significativos exemplos de congraçamento de médicos figura esta egrégia Academia de Medicina, que curiosamente nasceu em decorrência a um desagravo à figura exponencial da História da Medicina Paulista, o doutor Luiz Pereira Barreto, que, à época, sofria insólita campanha. Como ato da solidariedade de classe, ilustres médicos de então promoveram um banquete de

desagravo a Pereira Barreto, em cuja fraternal reunião surgiu a idéia da criação da Sociedade. Entre os comensais provavelmente estavam os médicos drs. Theodoro Reichert, Luiz Pereira Barreto, Ignácio de Rezende, Pedro Rezende, Mathias Valadão, Amarante Luz, Cândido Espinheira, Erasmo do Amaral, Luiz de Paula Marcos Arruda, Evaristo da Veiga e Sergio Meira, pois todos esses médicos participaram, pessoalmente, da Primeira Reunião

Brasil participara do banquete, uma vez que Cândido Espinheira, nessa mesma Primeira Sessão Ordinária, propusera o nome do grande imunologista para ser novo sócio. Possibilidades existem, pois certamente muitos dos primeiros sócios participaram do banquete de desagravo, que reunira as mais brilhantes figuras da Medicina do tempo. Nasceu com o nome de Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e foi constituída nos moldes da

em nossos desígnios por poder participar dessa corrente de fraternidade e de lealdade. Com esse mesmo espírito aqui adentramos, fiéis ao princípio conservador que preside à letra dos estatutos desta Casa de Luiz Pereira Barreto.

Ser conservador é tornar-se mais forte, é crescer, pois o desenvolvimento, o progresso, nada mais é do que a própria tradição em marcha, marcha que corre empós do ideal imperecível, única forma de vencer os desafios e de dar beleza e sentido à natureza do homem.

Por derradeiro, em nome dos novéis acadêmicos, nesta sala hoje transformada em templo grego, rendemos preito e homenagem aos mestres Jairo Ramos, Pacheco e Silva, José Ayres Neto, Alípio, Paulo de Almeida Toledo, Eurico Bastos, Fávero, Cantídio de Moura Campos, Benedito Montenegro, Adherbal Tolosa, Oscar Monteiro de Barros, ex-presidentes desta Academia, hoje também aqui presentes, em memória, com cuja lembrança reverenciamos todos os outros saudosos médicos que tiveram assento nesta vetusta Casa, florões de um tempo, que deixaram discípulos, discípulos que terão novos seguidores, e assim, passado e futuro, ser e vir a ser fundem-se no mesmo caminho da vida, ajudando a perpetuar a nossa efêmera existência.

Nós, os novos acadêmicos, aqui estamos para somar. Que a Força maior ilumine os nossos passos a fim de que possamos ser úteis aos nossos colegas, aos nossos pacientes e à coletividade.

“Ao transpor o nobre pórtico, quase centenário, desta Academia de Medicina, sentimo-nos glorificados em nossos desígnios por poder participar dessa corrente de fraternidade e lealdade”

Preparatória, ocorrida aos 24 de fevereiro de 1895, à rua São Bento, 23, esquina com a rua Direita, segundo a Ata à época elaborada.

É possível que no banquete de desagravo também estivera Arnaldo Vieira de Carvalho, que na Primeira Sessão Ordinária foi o segundo a apresentar trabalho “sobre uma operação de talhe em doente de cálculo vesical e que anteriormente havia sido operado de hérnia estrangulada”. Pode ser até que Vital

Academia de Medicina da França, fundada em 1820. A sede inicial foi no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, as Arcadas do Convento Franciscano, gentilmente cedido pelo seu diretor, o barão de Ramalho. O nome inicial foi mantido até 1953, quando passou a chamar-se Academia de Medicina de São Paulo.

Agora, ao transpormos o nobre pórtico, quase centenário desta Academia de Medicina, sentimo-nos glorificados

Waldemar de Souza Rudge: Medicina e nobiliarquia

* Duílio Crispim Farina

Ainda está para ser escrita a história dos marcos primeiros da assistência obstétrica em Piratininga: Bráulio Gomes, os Martins Passos e a Maternidade São Paulo; Sílvio de Oliva Maya, nos dias iniciais da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo; e depois Raul Carlos Briquet, o inolvidável e insuplantável mestre e humanista que alicerçou em definitivo, com seus seguidores, sua escola, a Obstetrícia Paulista. Logo acodem nomes que enaltecem as práticas da arte de Baudelocque e Mauriceau: Frederico Zink, Benedito Tolosa, Onofre Araújo, tríade lendária de assistentes do professor Briquet, reverenciados pelas sucessivas turmas da Casa de Arnaldo, dos anos 20 a meados da década de 50. Dias de máximo fastígio, reuniões e encontros científicos em que o grande mestre prodigalizava um saber acumulado e permanentemente atualizado na literatura mundial, em aulas e digressões, ainda de peso marcante e valia nos dias atuais. Saudosas aulas na Maternidade São Paulo, a antiga, nas ruas Antonio Carlos/Frei Caneca, no Hospital das Clínicas, e nas eruditas perorações de entidades culturais e científicas.

Entretanto, o labor de duas grandes damas paulistas, dona Lair da Costa Rego e dona Leonor Mendes de Barros, permite a ereção de um monumento à arte de partear que, durante mais de quarenta anos, tornou-se escola da disciplina, forja de mestres, preparo de facultativos, elite médica de excepcionais tocólogos.

A criação da "Casa Maternal e da Infância D. Leonor Mendes de Barros", mais tarde "Casa Maternal e da Infância", teve a égide de um grande sonhador — realizador doutor João Amorim, responsável pela reunião de moços, jovens assistentes, devotados, plenos de talento, capazes, sempre em ascensão,

estadeadores de verdadeira escola, a propiciar segurança e desenvoltura em metodologia dos novos tempos e a associar os clássicos do Velho Mundo às normas de Greenhill — De Lee, da América do Norte e o surto definitivo da escola de Madrid, de Bottella — Lusiá, da grandiosa Castela. De tudo isso vai surgir um complemento da escola de Briquet, com diretrizes de mestres capazes, seguros, desenvoltos, pertinentes nas indicações, perfeitos nas soluções. Obstetras da estatura de Alberto Raul Martinez, Osvaldo Lacreta, Osvaldo Guarento, dos há pouco desaparecidos Fuad Ferreira e Artur de Almeida (a quem rendemos um preito de saudades e imensa admiração), Levy de Almeida, David Fermann, e outros mais, plêiade de valores positivos, obreiros de assistência social às populações desvalidas e formadores de consciências novas na arte de Fernando de Magalhães. Inscreveram-se todos como rosas-dos-ventos dos estudantes, acadêmicos de escolas de Medicina que tinham nos concursos de ingresso para o cargo de quintanistas (placentinhas, na gíria estudantil), doutorandos, médicos-internos, assistentes, a certeza do aparecimento de valores na constelação obstétrica.

Assim foi com os douts Laurival de Lucca, Antonio Rozas, Sebastião Piato, Akira Nishimura, Moreira Porto, Luiz Camano, Geraldo Rodrigues Lima, sem esquecermos os grandes dos primeiros dias de fundação, internos Palmiro Rocha, João Sampaio Góes Júnior, os saudosos Luciano Eudrizz, Jorge Coelho Tavares, César de Paula Martins, e Abid João Kirche, Arlindo Zaragoza, Aurélio Motta, Adolfo Coelho de Souza, Maria Luiza Martins, e os pediatras José Carlos Soares Bicudo, Antonio Carlos Ferraz de Aguiar, Manoel Saldiva, Joaquim Floriano de Toledo, Manoel de Almeida, Carlos Bombonati e outros mais.

E ainda os lendários clíni-



cos Arnaldo Caleiro Sandoval (esfuziante de vida, verve, de sonho, cheio de propósitos sem fim), Antonio Mastrocola, Jorge Sainati, Carlos Comenale, os cardiologistas mui caros Bernardino e João Tranchesi, Bernardo Yuquelson e mais Soares Batista, Homero Amaral, Ricardo Farina, Mário Lepolard Antunes, Henrique Farina (cirurgião-dentista), todos envolvidos nas névoas da saudade, atuantes, exemplares, escúli- pios na aceção mais alta.

Assistência Social modelar com a direção de dona Maria José Porto, centenas de milhares de partos, cirurgias de urgência em verdadeiro pronto-socorro cirúrgico-obstétrico a atender vasta zona das lindes de Suzano, Mogi, Poá, Mairiporã, até às entões distantes Cangaíba, Sapopemba e São Miguel. Dias de antanho, São Paulo com uma periferia diversa, e a Casa Maternal, posto avançado de dignidade, competência, certeza de assistência condigna.

Ano de 1947, na direção com o adeus e as honras devidas ao grande fundador e estruturador João Amorim, assume o comando Waldemar de Souza Rudge, dileto assistente do prof. Nicolau de Moraes Barros, lente catedrático da Faculdade de Medicina da USP.

Paulista, distinto, com maneiras fidalgas, atavismos britânicos de parte de seus ancestrais, a dignificar as práticas médicas, a ginecologia e, em especial, a Maternidade

São Paulo, a Misericórdia Paulistana, a Faculdade de Medicina de Sorocaba e a de São Paulo, Casa de Arnaldo, onde se formara na turma de 1928. Colega de grandes figuras da classe como Edmundo Vasconcelos, Henrique Arouche de Toledo, Alfredo Bahia, Floriano de Alencar, Sylas Orlandini Matos, Martins Costa, Renato Bomfim.

Homem de parco falar, de grandes gestos, sua figura era de um lorde, nobre inglês da câmara alta. Conhecedor profundo da especialidade que abraçara e a que se devotava integralmente, alavanca propulsora de sua existência, representou um momento altíssimo do exercício e do magistério médicos, ápice de um grupo excelso, luzeiro de valores em que sobressaíam Paulo de Godói, Felix Vicente de Queiroz, Arnaldo Delivenneri, Artur Wolff Neto, Francisco Cerruti, Alcides Leal da Costa, expressões também de alta sociabilidade e cultura humanística. Waldemar de Souza Rudge, na direção da Casa Maternal, prestigiou a velha guarda, alçou os novos a justos galardões e a posições conquistadas com operosidade ininterrupta e vivência haurida nas enfermarias e embates cirúrgicos. Estruturou serviços, permitiu o aparecer de uma segunda geração de excepcionais obstetras: Décio Aranha Pereira, José Roberto Freitas Azevedo, Antonio Bernardi, Osvaldo Bandeira, Carlos Vicari, Bernardo Blay, positivas afirmações nos decênios vindouros.

Rudge vinha de velhos troncos bandeirantes, mesclados com aquele patriarca inglês João Maxwell Rudge, chefe de progênie destacada. Aureliano Leite, insigne historiador, relata em "Pequena História da Casa Verde", os chãos dos Rudge no bairro desse nome batizado em lembrança das meninas da Casa Verde, moças moradoras na atual rua Anchieta, junto ao Pátio do Colégio, em residência, sempre com pinturas em tons esverdeados. Eram as

célebres irmãs Arouche, destacadas na crônica do velho São Paulo. Resquícios de nosso passado colonial.

Waldemar de Souza Rudge, cirurgião emérito, seguro, preciso, exímio, um dos mestres da via baixa em Ginecologia no Brasil, em seu tempo. Com largos recursos pessoais, apurada técnica operatória, seguidor da escola alemã conservadora do mestre Nicolau Moraes Barros e do grandioso mentor de Viena d'Áustria, Schauta. Marcou um tempo, delimitou um período, apoteose do magistério, transmitiu a seus assistentes conhecimentos preciosos, deu máxima grandeza ao exercício profissional em dias do médico respeitado e exaltado como fundamento de uma sociedade de que dele necessitava e tinha orgulho, zeloso, a acompanhar com assistentes e internos, as dezenas e dezenas de múltiplos e variados casos de todas as enfermarias no apogeu de uma sistemática difícil de ser ultrapassada. Sua figura destacada há de ficar assomando entre os pontífices da Ginecologia e da Tocologia em chãos paulistanos, ensinando pela conduta exemplar, gestos e testemunhos de membro de nobiliarquia. Mestre dos mestres, Waldemar de Souza Rudge.

Estas simples palavras, em noite de rememoração de nomes tutelares da Medicina paulista, dizem do respeito profundo de um de seus discípulos que soube vê-lo e senti-lo com as lentes da justiça e consideração. A repetir Feijó, podemos dizer que somos paulistas por mercê de Deus, mas pela mesma dádiva divina recebemos, em convivência de trinta anos, as luzes da ciência e as auras da personalidade do ímpar professor, Waldemar de Souza Rudge. Ciência e nobiliarquia, Glória da Medicina de São Paulo.

* Duílio Crispim Farina é obstetra, ginecologista, sexólogo e psicólogo médico. Também preside a Academia Paulista de História e é membro da Academia Paulista de Letras.

Zoólogos e botânicos do Brasil

* Odilon Nogueira de Matos

"Não imaginava que houvesse tantos zoólogos no Brasil" foi a primeira frase que, um tanto ingenuamente e a revelar completo desconhecimento da matéria, me ocorreu dizer ao dr. Hitoshi Nomura quando, há algum tempo, teve ele a gentileza de me oferecer os dois volumes de seus "Vultos da Zoologia Brasileira" (Mossoró, 1991). E, para maior surpresa, respondeu-me: "Há muito mais ainda", como que anunciando outros volumes de sua meritória obra. E, de fato, e bem mais depressa do que poderia supor, obsequiou-me ele com mais três volumes de zoólogos e outros dois, de botânicos.

Desde 1955 vem o ilustre professor e pesquisador, radicado em Campinas, dedicando seu tempo à divulgação da vida e

obra dos pesquisadores que se consagraram às ciências naturais, notadamente à zoologia, área de conhecimento que também é a sua, especialista que é em ictiologia, com numerosos livros publicados, alguns deles já com várias edições, além de um número considerável de artigos científicos e de divulgação.

Ao lado de suas preocupações científicas altamente especializadas e, naturalmente, sem prejuízo delas, vem o dr. Nomura se dedicando à história da ciência em geral, notadamente através de biografias dos grandes cientistas, como o demonstram os volumes que vem de publicar, procedendo a um levantamento de mais de 250 vultos da zoologia e da botânica - 171 e 80, respectivamente. Notas breves, mas suficientes para que se conheça a contribuição de cada

um deles nos domínios de suas especialidades. E ao longo de toda a história, pois começa com Anchieta, que, como é reconhecido, lançou os fundamentos da história natural brasileira, e chega até às atuais gerações que tanto engrandeceram os institutos científicos onde, em nossos dias, se desenvolvem estas ciências.

Muitos dos nomes que constituem o formidável elenco - informa o autor - são de pessoas nascidas em outros países, mas que contribuíram decididamente para o progresso da ciência brasileira. A começar pelos grandes viajantes estrangeiros do século passado, cuja literatura o dr. Nomura conhece muito bem: Saint-Hilaire, Pohl, Riedel, Martius, Gardner, entre os botânicos; ou Maximiliano, Natterer, Freyreiss, Burmeister, Castelnau, Wallace, Bates, entre os zoólogos. E mi-

tos outros estrangeiros que acabaram se radicando no Brasil, aqui vivendo seus últimos anos de vida: Fritz Mueller, von Ihering, Goeldi, Luderwaldt, Bondar, Marcus, Besnard, Bresslau, Ducke, Rawitscher, Brieger, entre outros.

O fato de o autor desta nota ter exercido por mais de dez anos o cargo de secretário da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - na época, um dos maiores centros de ensino e pesquisas no campo das ciências naturais -, propiciou-lhe a oportunidade de relacionamento com muitos dos grandes cientistas brasileiros e estrangeiros que, a todo instante, participavam das várias atividades culturais da Faculdade - congressos, conferências, simpósios, bancas examinadoras - e, assim, muitos dos nomes evocados pelo dr. Nomu-

ra foram de seu conhecimento e convívio: Gregório Bondar, Meilo Leitão, Besnard, Salvador de Toledo Piza, Zeferino Vaz, Fernando Milanez, Brieger, sem falar nos que integravam o corpo docente da própria Universidade, como Ernst Marcus, Felix Rawitscher, Michel Sawaya, Mário Guimarães Ferri e Aylton Brandão Joly.

Assinale-se, como significativo, que na extensa bibliografia do dr. Nomura figura, como publicação recente, a tradução de valioso trabalho de Fritz Mueller sobre Darwin ("Fatos e argumentos a favor de Darwin"), publicado originalmente em Leipzig, em 1864, e que, no dizer do tradutor, foi o primeiro trabalho escrito na América do Sul em favor do famoso cientista inglês.

* Odilon Nogueira de Matos é historiador e beletrista.

O sentido da vida humana

* Fernando Régis Dantas

Vida é processo dinâmico. Nascimento, crescimento, evolução, amadurecimento, reprodução, eis aí, em linhas gerais, a quase totalidade de toda vida humana.

O sacerdote, que se ocupa com a "cura de almas", e o psiquiatra, que cuida de doenças nervosas e mentais (depressão, ansiedade, alcoolismo, drogas, prevenção de suicídio, etc.), tem um objetivo comum: a vida humana que necessita de cuidados e orientação em sua evolução normal.

Lembremo-nos de considerar a natureza humana como uma unidade biológica, psicológica, histórica, social, cultural, filosófica e espiritual. O ser humano é uno e singular, não se repete. Ele é um ser consciente, livre e responsável. Ele tem sua verdadeira dimensão de ser espiritual. Desde quando o homem é atirado ao mundo, desde que nasce, ele apresenta um conflito que surge do enfrentamento das pessoas humanas com os supostos básicos da existência.

Que queremos dizer com "supostos básicos"? São determinadas propriedades e preocupações essenciais que fazem parte da existência do ser humano no mundo. Creemos que é possível identificar quatro preocupações que passaremos a enumerar e estudar. A liberdade, o isolamento, a falta de um sentido para a vida e a morte.

Qualquer destas preocupações faz o ser humano perceber sua fraqueza e daí nasce um conflito existencial.

A liberdade - Não é uma preocupação tão intensa quanto a morte, mas é relevante. Cada pessoa é chamada a ser responsável pela sua liberdade. A liberdade só pode ser compreendida pelos limites de nossa consciência, por nossos valores éticos

e pela responsabilidade pessoal.

Isolamento existencial - Cada um de nós nasce e morre sozinho no mundo. Sua alegria e sua satisfação, sua dor e seu sofrimento são intransferíveis. Ninguém pode "sentir" pelo outro. No máximo pode-se intuir o que o outro sente.

A falta de sentido para a vida - Isto leva ao chamado vazio existencial, que conduz o homem e a mulher a depressão, à ansiedade, à busca de soluções drásticas, como o alcoolismo, drogas, suicídio etc.

A morte - Esta é a maior preocupação. É uma verdade terrível da qual não há escapatória. O homem sabe que sua vida tem fim e que ela é transitória, passageira. Ele sabe que precisa terminar seus compromissos, sua missão na vida e que tem um tempo para isso. Ele necessita ter esperança, que lhe dará ânimo para prosseguir em sua tarefa. O tempo urge e um dia a morte virá, de forma inexorável e certa.

É aí que entra o aspecto religioso da morte. Sabemos que é ponto comum em praticamente todas as religiões a existência de uma vida após a morte. Caridade e crescimento são os pontos fundamentais, cruciais, destacados, de praticamente todas as religiões.

Não nos esqueçamos: a vida é crescimento, vida é evolução. É importante que possamos viver a vida em plenitude. Mas, e o que vem depois da morte? Se consideramos pela fé - que a morte não é o fim, mas o começo, o nascimento para Deus e isto nos dá todo um sentido para nossa vida, então... só isso é realmente importante.

Diante da morte, sobretudo de entes queridos, somente a fé pode consolar e ajudar. O sofrimento é parte integrante da vida terrena do homem e encontra seu sentido no mistério da paixão, morte e ressurreição

de Cristo: "Se, portanto, a certeza da morte nos faz chorar, a certeza da Ressurreição nos consola."

Para quem não crê, esta hora da morte certamente será terrível e vazia. Quando aparecem as limitações à nossa vida terrena - sejam de ordem física, psicológica, afetivo-emocional, espiritual ou moral -, surgem a angústia, a ansiedade e a depressão. Elas atentam contra a vida, que deveríamos viver em plenitude e para sempre.

A morte física tira o vigor da vida e para nós é sempre um absurdo. Através da fé - e somente por meio dela - sabemos que a morte física não é o fim da vida, mas como a conhecemos, uma passagem libertadora, uma transformação, apesar de ser, sempre, mais ou menos dolorosa.

A despeito do sofrimento ser inseparável da existência terrena do homem, é preciso encontrarmos um sentido para a vida. É preciso termos um grande ideal de vida, uma tarefa importante para ser concluída, uma determinada missão que pede continuidade. O sentido da vida humana é pois uma missão que não se pode transferir e cada um de nós tem que assumir, com liberdade e responsabilidade, a própria vida. Quando não encontramos um sentido para nossas vidas, adoeçemos e acabamos fazendo o que o mundo manda e não o que gostamos de fazer. Aí então, não fazemos bem, pois não atuamos com amor, que é verdadeiramente o motor de nossas boas ações e realizações, sempre feitas com liberdade e responsabilidade.

E o que é o amor? É a mais profunda exigência humana. Ele liberta, transforma, salva, ressuscita. Ele nos ajuda a encontrar um verdadeiro sentido para nossas vidas.

* Fernando Régis Dantas é psiquiatra e sociólogo.

Peter Richard Maroko

* Carlos Régis Bastos Rampazzo

Conheci-o antes de entrar na FMUSP, na Ubatuba do fim dos cinquenta, ainda primitiva e mágica, habitada por caçaras e alguns europeus, visitada já por alguns estudantes. Nosso relacionamento era formal, às vezes atritivo, com muita polêmica. Não era grande nossa diferença de idade, porém ele era flagrantemente mais culto e mais maduro do que eu. Já entrara na faculdade. Marcava-o muito a fuga de sua família da Polónia prestes a ser invadida pelas tropas nazistas. Muito antes de mim, ele soube o quanto era necessário a construção de sociedades justas, democráticas e sem preconceitos. Não o atraía, no entanto, a questão ideológica, os partidos políticos. Sua luta pela democracia fazia-se muito em cima da quele tripé que norteou a fundação do HC, hoje nem sempre enfatizado: assistência médica, pesquisa e ensino.

Foi aluno da FMUSP, residente da Segunda Clínica Médica e, entre 1963 e 1967, assistente do Pronto-Socorro Médico do HC. Com certeza, os que por lá passaram nessa época sentiram sua presença carismática e aprenderam muito com ele. Todos, internos, residentes, enfermagem, trabalhávamos muito em seu plantão. Ele era incansável. Além de que, cobrava, onde estivéssemos, a evolução dos pacientes nos dias subsequentes. "Peripaque", diabetes, infarto, asma, tentativa de suicídio, tudo era importante, tudo exigia resposta, todos eram gente. Nesse tempo já éramos amigos e, é claro, ele exigia em especial dos amigos que vivêssemos intensamente o plantão.

Peter incomodava. Era mais dedicado, inteligente e criativo do que a média. Por suas qualidades, construíram-se barreiras a seu desenvolvimento profissional. Do Hos-



pital das Clínicas saiu para a Santa Casa e, de lá, com Cleusa, a sua esposa, também formada pela FMUSP, para os Estados Unidos.

Foram interessantes seus retornos ao Brasil, para rever os pais, os amigos e, em geral, com convidado especial a Congressos Brasileiros de Cardiologia. Claro, lá souberam aproveitá-lo. Fez carreira brilhante nos últimos vinte e poucos anos. Do ponto de partida em Phoenix, Arizona, seguiu para a Harvard, para o Debora Heart Institute, finalmente formando-se professor associado na Thomas Jefferson University em Filadélfia.

Produziu muito, formou muitos médicos e pesquisadores por onde passou. Nasceu em 27 de julho de 1936, na Polónia. Formou-se pela FMUSP em 1960. Desenvolveu seus melhores trabalhos em Cardiologia nos Estados Unidos. Sobre sua morte, ocorrida em 17 de junho último, por um jornal argentino, Morreu dormindo, enquanto acampava com a família em suas férias de verão.

* Carlos Régis Bastos Rampazzo é médico do Hospital das Clínicas.

O tempo e a memória

Levy Sodré

Nos tempos que vivemos, a velocidade e a saturação provocada pelo número e qualidade de informações têm provocado uma violenta mudança no conhecimento e no comportamento. Se por um lado isto é fantástico e espetacular, se a distância e o tempo democratizam o saber através dos meios de comunicação, por outro lado, corremos o risco de perder o senso das proporções em relação ao tempo e ao lugar. É a distorção da memória, a interpretação errônea dos fatos, ainda que deturpada sem malévolos intenções, que nos leva a esquecer do que está mais próximo.

Nunca vivemos como agora um mundo de tantas incertezas e inseguranças, de imponderabilidades, numa busca de caminhos, de ideologias e de descoberta de grandes incógnitas... mas um fato é absolutamente certo: o mais insignificante dos homens é o ser mãe, importante e mais perfeito da Criação, por sua própria condição humana.

Embu é, entre nós, a terra dos poetas e artistas - profetas do futuro e memorialistas do passado - cuja visão do mundo é privilégio de sua personalidade.

Se o Embu é Terra das Artes e consolidou essa imagem em todo o País deve sem dúvida aos artistas, artesãos, antiquários, mobiliários, "marchands", músicos e poetas, mas é preciso não esquecer as suas premissas e buscar suas raízes mais puras e autênticas: nomes como o do maestro Antenor Vazz de Ranulfo Lira, Solano Trindade e principalmente Cássio M'Boy.

Cássio, artista e boêmio, de velha e importante família paulista, intelectual na mais perfeita acepção da palavra, cansado de frequentar os meios sociais e artísticos de São

Paulo e Rio, exilou-se espontaneamente no Embu, optando pela singeleza da vida rural como um de seus mais modestos filhos; para ocupar-se, além da lida da terra e cuidar da própria casa, começa a esculpir, a cuidar de cerâmica, a pintar... É premiado no Salão Internacional de Paris em 1937; festejado a distância por toda a imprensa e, incensado pela crítica, vivia arredio no nosso Embu.

O fascínio de sua personalidade veio trazendo à nossa vila os seus amigos: Menotti Del Picchia, Antonieta Rudge, Flávio de Carvalho, Rossini Tavares de Lima, Luiz Sava, maestro Oswaldo de Souza, Tarsila do Amaral, Pascoal Carlos Magno, Nonê, que freqüentavam seus almoços de fim de semana; começavam sábado sem dia e hora de terminar...

Alguns ficavam algum tempo: Nonê, filho de Oswaldo de Andrade, morou uma temporada no Embu. A Vila passou a ser ponto de referência como local artístico. Conservador do Museu, Oswaldo de Souza reunia grupos de intelectuais em saraus de música e poesia.

Cássio, que abandonara o nome de família e adotara o M'Boy, antiga designação do lugar, é a imagem de nossa cidade em seu triunfal retorno, anos e anos depois, à civilização paulistana, consagrado como estava com telas na Bienal de Veneza, museus americanos, coleções internacionais e Museu de Tokyo. Homem de cinema, trabalhando no antigo DEIP, trouxe para cá Cândido Motta Filho, jurista, político, professor. Meu pai também veio trazido por estes amigos nos idos dos anos quarenta, comprou terra e nós, meus irmãos e eu, fizemos, meninos, desta Vila nossa cidade de eleição.

Nos seus tempos embuenses ensinara a Sakay

de Embu, escultor e ceramista, através da técnica que conhecia dos índios Carajás, a cerâmica, criando escola que perdura até hoje. Tal entusiasmo transmitia pelas artes que ensinou à importante e idosa senhora dona Alexandrina Bassith e a inúmeros curiosos e interessados.

Recebe, aplaude e ajuda a Solano Trindade, Ranulfo Lira e Assis em sua importante trajetória pelo mundo das artes. Questão menor, de parquial importância, provincialismo de politiquice, o aborrece de tal forma que abandona o seu Embu de quase cinquenta anos de vivência e vai morar no Caxingui. Volta a freqüentar com o prestígio de sempre os meios artísticos paulistanos, sendo recebido com a amizade e o prestígio que soube manter.

Cumprindo seu destino, torna-se mestre e protetor de um jovem grupo de pintores de Osasco com Américo Mondanez, Dirceu e inúmeros outros que encontraram na arte a sua vocação. Falece com mais de noventa anos em plena lucidez e trabalhando sua pintura "naif", agora influenciada por longas viagens que fez à Europa e Ásia. Sua casa no Caxingui, hoje pequeno Museu, tem procurado por obras de seus alunos e dedicação de seus amigos por ser um reduto de culto da beleza, do amor e da arte. É preciso que Embu, por tudo que hoje representa no panorama artístico nacional e internacional, venha redimir esta dívida com a história e venha a fazer justiça cuidando de sua raiz primeira, voltando a ser M'Boy no tempo e no espaço, resgatando uma memória que é autenticamente sua: CASSIO.

A memória e o tempo

Marcando o seu destino, com a premonição dos deuses e sábios, os je-

suitas do padre Belchior de Pontes escolheram como orago de sua Capela e Colégio, Nossa Senhora dos Prazeres, uma das facetas menos comuns da representação da Virgem - a mulher doméstica, alegre com seu destino, feliz com sua família, hospedeira e anfitriã de seus amigos e parentes.

Estava previsto assim pela inteligência e argúcia dos jesuítas, que haviam sido banidos num cerco de tupis de São Paulo de Piratininga; é o que contam suas memórias, a construção do velho M'Boy; a sua predestinação.

Hoje, Embu, com a afirmação do cognome das Artes é a maior concentração de artistas residentes em São Paulo, em importante centro de "marchands" e decoradores, possuindo, também, uma feira de artesanato aos sábados e domingos que atrai milhões de paulistanos e turistas.

Lá, inopinadamente você pode cruzar no enorme movimento da praça, com o cônsul austríaco Otto Heller, o arquiteto Jean Gillon, o conselheiro Nicolau Tuma e família; com os condes de Cândida e Gonzaga, com o empresário Constantino Cury; o ex-ministro José Goldemberg e Sérgio Felipe dos Santos, homem de televisão e descendente de velha família embuense, fruindo e usufruindo a beleza e a espontaneidade do que é belo.

Hoje, quando anoitece, pode-se ver, como antigamente, atravessando a garoa fina, no lusco-fusco, o brilho das estrelas, recordando que São Paulo já foi uma cidade mais romântica e o luar também começa a marcar a caminhada de volta aos tempos de felicidade para todos nós.

* Levy Sodré é advogado, jornalista, assessor da presidência da Fundação Cásper Libero e membro do Club dos Irmãos Amigos.

Cecília Almeida Salles acaba de lançar o livro *Crítica Genética*, ed. Educ. A obra é interessantíssima. Diz respeito à nova especialidade que se ocupa em abordar objetivamente os manuscritos dos escritores, com a intenção de reconstituir e compreender o processo da criação da obra. Estuda o caminho que o artista percorre para chegar à obra entregue ao público. Para tanto, analisa o documento autógrafa - documento vindo da própria mão do criador, não passando por processo de publicação - procurando compreender o mecanismo da produção, isto é, o processo que presidiu o nascimento da escritura. Segundo a opinião da abalizada autora, o manuscrito expõe a tendencialidade da mente do escritor, o caminhar para um propósito, que é o desejo do artista de chegar à obra com determinadas características. Tal evolução do pensamento rumo à criação processa-se de três modos: evolução por variação fortuita (tichismo); evolução por adoção de novas idéias, com caráter determinado (ananquismo); evolução por atração imediata da idéia, cuja natureza é admirada antes da mente possuí-la (agapismo). As implicações desses estudos levam à "ressurreição do autor", pois os manuscritos são verdadeiros prolongamentos do corpo e da mente do escritor, que permitem sentir e ver a atitude da mão criadora. Essa nova disciplina, *Crítica Genética*, terá, certamente, grande aceitação entre os que se ocupam em conhecer as profundezas da mente do homem, pois o objeto formal de estudo, o manuscrito, por mais simples que seja, será sempre projeção de quem o escreveu, e, como tal, essencialmente há de conter o "abre-te sésamo" dos misteriosos portões da mente do artista. O desafio, aliás, delicioso desafio, é achá-lo.

...

Carlos Benatti vem de lançar livro que é fruto da sua maneira de ver o mundo: *Retalhos de Emoções*, ed. Palas Athena. São provérbios, pensamentos, máximas extraídas do cotidiano, que exigem reflexão do leitor. A obra é composta, também, de charges que estão a revelar, pelo humor, a sensibilidade do autor. Benatti é paulista, médico formado pela Santa Casa de São Paulo, foi fundador e diretor da Maternidade Santa Catarina, onde realizou o primeiro parto. São seus pensamentos: "O medo e o comodismo impedem o progresso"; "A mulher é a água que mata a sede. A amante é o vinho que embriaga"; "A tristeza é uma raiva inútil"; "Conflito é a luta contra a verdade"; "Casamento só é ruim no final de semana".

...

A editora Ícone lançou a obra *A Conservação da Mama* (indicações e técnicas da quadrantectomia, dissecação auxiliar e radioterapia no câncer de mama), de autoria dos mestres milaneses Umberto Veronesi, Alberto Luini e Claudio Andreoli, edição original em italiano, traduzida para o português por Alfredo Barros, José Cleto, Maria Tereza Chaib e Roberto Hegg, sob a coordenação de José Aristodemo Pinotti. Obra de grande importância clínica e cirúrgica, aborda aspectos múltiplos sobre o tema, entre eles os critérios para o diagnóstico e conduta do carcinoma mamário, terapêutica, avaliação pré, intra e pós-cirúrgica, radioterapia, estratégias preventivas, contribuições na área da cirurgia plástica etc. Os capítulos são escritos de forma clara, com extensa bibliografia e estão acompanhados de ilustrações coloridas, facilitando a compreensão dos leitores. Para os especialistas na matéria é leitura obrigatória, uma vez que mostra o enfoque científico da avançada escola milanesa sobre esse mal que muito tem feito sofrer grande número de mulheres.

G.A.P.